

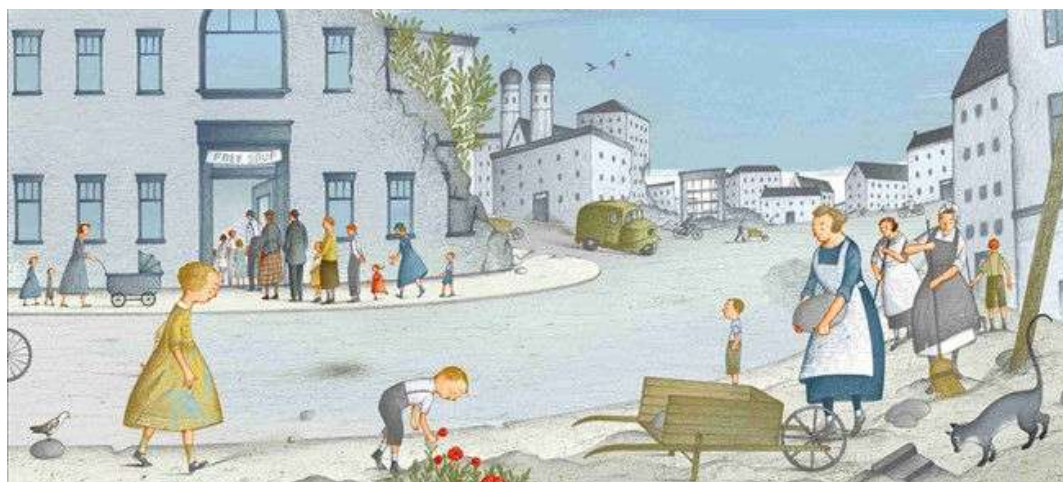


Os livros constroem pontes

*“Vamos endireitar este mundo às avessas, a começar pelas crianças.
E elas mostrarão aos adultos o caminho a seguir.”*

Jella Lepman, 1945

Anneliese deu um pontapé nos escombros da calçada suja, onde muitas mulheres se afadigavam a limpar pedaços de edifícios e pavimentos rachados com vassouras e com as próprias mãos. Será que não viam que a rua nunca mais seria igual ao que tinha sido antes da guerra?





No mercado, Anneliese avistou uma casca de laranja no chão. Limpou a sujeira dela o melhor que pôde, e apesar de o seu estômago resmungar de fome, deu-a ao irmão. Peter roeu o interior da casca e disse:

— Obrigado!

Ali perto, viam-se pessoas a fazer fila para entrar num grande edifício. Anneliese pensou que talvez estivessem a distribuir comida. Pegou na mão de Peter e ficou à espera.



Quando entraram, a menina viu que havia imensos livros no enorme salão. Mais livros do que Anneliese podia sequer contar! O seu coração deu um pulo de alegria, mas logo pensou no pai, que costumava levá-la à biblioteca. E que, quando lhe lia *O Ursinho Puff* à hora de deitar, usava uma voz diferente para cada personagem.

Agora, a biblioteca tinha desaparecido e o pai também...



No outro lado da sala, uma senhora estava a tirar livros de uma prateleira e a falar animadamente com um grupo de adultos. Anneliese ouviu a palavra *esperança* quando Peter começou a puxá-la pela manga.

— Podes ler-me isto? — pediu o menino.

— Não conheço essa língua — disse Anneliese. — Porque queres ler uma história sobre um elefante, Peter?

— Porque nunca vi um elefante vestido com um fato!

Anneliese e Peter estavam tão embrenhados a olhar para livros que não repararam que eram os únicos visitantes ainda dentro do edifício. A senhora foi ter com eles e disse:

— Receio que a exposição esteja prestes a fechar.

Peter abraçou o livro do elefante e pediu:

— Posso levar isto para casa, por favor?

— Oxalá pudesses — respondeu a senhora. — Mas és bem-vindo se quiseres voltar amanhã.



Quando chegaram à rua, Peter estava demasiado cansado para andar. Anneliese pegou nele ao colo e levou-o para casa.

A mãe estava a cozinhar a última porção de cevada, e deu o pouco que havia aos filhos. Depois do jantar, tirou de uma prateleira o velho bule de prata da sua avó. Tinha sobrevivido aos bombardeamentos com apenas uma amolgadela.

— Amanhã, vou tentar trocá-lo por alguns legumes frescos, e também por uma colher cheia de manteiga.



No dia seguinte, no mercado, Anneliese viu salsichas suculentas penduradas por cima de cestos de frutas e legumes. Será que se atreveria a agarrar uma das grandes quando o vendedor virasse costas?

— Podemos voltar ao edifício dos livros hoje?

A pergunta de Peter surpreendeu Anneliese, que perdeu a oportunidade de praticar uma má ação. E ainda bem. A mãe teria um enorme desgosto se ela tivesse sido apanhada a roubar, e seria bem melhor estar de novo junto dos livros.



No interior do grande salão, um grupo de crianças estava reunido à volta da senhora dos livros. Peter pegou na mão de Anneliese e puxou-a para a frente.

— Esta é *A História do Touro Ferdinando* — disse a senhora. — Como foi escrita em inglês, vou traduzir algumas partes para alemão. Claro que as imagens também ajudam a compreender a história.

Enquanto a história se desenrolava, Peter sussurrou:

— Aquele touro é como eu. Gosta de flores, não de lutas.

Quando ficou claro que o touro não iria lutar como os toureiros queriam que ele lutasse, Anneliese até teve medo de olhar. Afinal de contas, o pai deles tinha sido fuzilado por fazer frente a homens cujas ordens não queria seguir.



Quando a história acabou, Peter desatou a bater palmas. Anneliese também se sentiu feliz por ver Ferdinando a descansar na sua colina florida, depois de tudo aquilo por que tinha passado.

— De que parte da história gostaram mais? — perguntou a senhora.

— Gostei da parte em que ele se recusou a lutar!

— Gostei da parte em que ele regressou a casa!

— Gostei da parte em que ele se sentou na abelha!

A senhora riu-se e disse:

— Também gostei dessas partes!



— Há aqui mais histórias que espero que um dia consigam ler em alemão: *Pinóquio*, da Itália, *Heidi*, da Suíça, e *Babar*, da França.

— É o meu elefante! — exclamou Peter.

A senhora disse a Anneliese:

— Julgo que gostarias de ler esta história da Suécia. Pippi não tem pais e, quando a polícia tenta levá-la para um orfanato, foge. É uma menina muito esperta e muito forte, que consegue levantar o seu cavalo de estimação com uma só mão.

Anneliese sorriu.

— Ela tem um cavalo de estimação?

— E um macaco de estimação também!



A caminho de casa, Anneliese pensou em Pippi, que tinha perdido os pais e que, no entanto, não tinha tido uma vida infeliz.

Quando chegaram, viu a mãe a enfiar uma colher comprida numa panela. Anneliese sentiu crescer água na boca.

— Que cheiro maravilhoso! — exclamou.

— O agricultor foi generoso e, no caminho para casa, consegui apanhar um pombo. Vamos ter guisado suficiente para dois dias! — disse a mãe.



Nessa noite, à hora de dormir, Peter pediu a Anneliese que lhe contasse uma história.

— Era uma vez — começou ela, enquanto o irmão se aninhava a seu lado — um rapaz que tinha um fato verde. Adorava flores e tinha um animal de estimação.

— Um cavalo! — disse Peter.

— Queres um cavalo de estimação?

— Sim. E talvez um macaco...



Mais tarde, nessa noite, Anneliese acordou. A lua brilhava intensamente no céu alto e escuro. Tendo o cuidado de não acordar a mãe ou o irmão, levantou-se e saiu para a rua.

As árvores pareciam bonitas à luz da lua, e havia flores a desabrochar por entre os pedaços de entulho.

Anneliese decidiu que, no dia seguinte, iria juntar-se às mulheres das vassouras, e ajudaria a limpar a rua à volta da biblioteca danificada. Talvez um dia o edifício voltasse a ficar cheio de livros.

Por agora, Anneliese iria voltar para a cama e dormir. E tal como Ferdinando no seu campo de flores, iria sonhar.



OS LIVROS CONSTROEM PONTES



A senhora desta história existiu de verdade.

Jella Lepman nasceu na Alemanha em 1891. Em 1936, teve de fugir com os dois filhos do país, pois eram judeus. Durante o período que ficou conhecido como Holocausto, que ocorreu entre 1933 e 1945, Hitler e o governo nazi mandaram matar milhões de pessoas que consideravam inferiores à raça ariana. Os livros que não espelhavam as suas ideias foram retirados de bibliotecas, livrarias, até mesmo casas, e foram depois queimados.

Em 1939, as forças alemãs invadiram a Polónia. Para impedir Hitler e os nazis de controlarem mais países, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. Em breve, mais nações se juntaram a esta luta devastadora, que ficou conhecida como a Segunda Guerra Mundial.

Quando a Alemanha perdeu a guerra em 1945, Jella regressou ao seu país natal, e foi incumbida de ajudar as crianças alemãs cujas vidas tinham sido tão gravemente perturbadas. Jella era de opinião que as crianças precisavam tanto de livros como de comida.

UMA EXPOSIÇÃO DE LIVROS ITINERANTE



Dado que acreditava que os bons livros infantis de todo o mundo poderiam criar “pontes de entendimento” entre as pessoas, Jella queria montar uma exposição com esses mesmos livros. Contudo, disseram-lhe que os países que tinham lutado contra a Alemanha não iriam enviar livros.

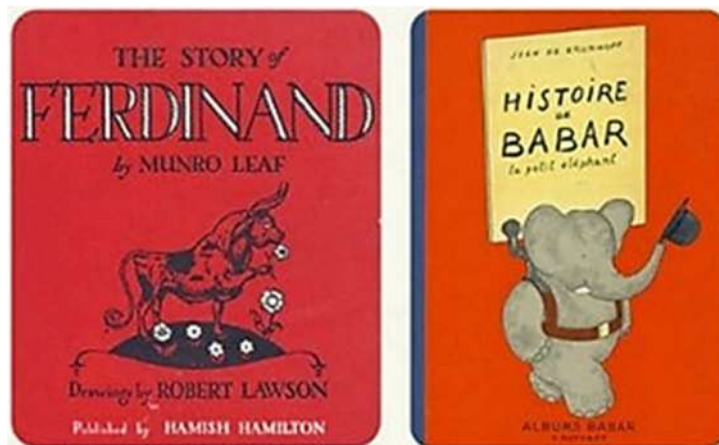
Jella escreveu cartas para vinte países a explicar a sua ideia.

Dezanove países enviaram livros e um outro, a Bélgica, enviou apenas uma carta. “Fomos duas vezes invadidos pelos Alemães. Lamentamos ter de recusar o seu pedido”.

“Peço-vos que reconsiderem”, escreveu ela de volta. “Precisamos de proporcionar às crianças da Alemanha um novo começo”.

Lepman conseguiu convencer esse antigo inimigo da Alemanha de que os livros de todo o mundo poderiam ajudar as crianças a sentir que havia laços entre elas, e que as crianças eram justamente a maior esperança que a humanidade tinha para evitar outra guerra. Então, a Bélgica enviou uma maravilhosa coleção de livros.

Entre os livros presentes na exposição encontravam-se *The Story of Ferdinand*, de Munro Leaf e Robert Lawson, dos Estados Unidos, e *Histoire de Babar*, de Jean de Brunhoff, de França. Em 1946, a exposição de Jella continha já 4000 livros e viajou para quatro cidades da Alemanha: Munique, Estugarda, Francoforte e Berlim.



A história que acaba de ser contada procurou descrever a forma como as crianças que assistiram à exposição no Museu de Arte de Munique terão reagido.

Aquando das primeiras exposições, Jella viu logo o quanto as crianças desejavam poder levar um livro para casa. Então, decidiu traduzir um desses livros para alemão e mandar imprimir 30 000 exemplares. O livro que escolheu foi *A História de Ferdinando*, do autor americano Munro Leaf e do ilustrador Robert Lawson, um dos livros proibidos por Hitler quando estava no poder. Cada criança que assistiu à exposição de Berlim levou para casa o seu próprio exemplar da história do touro que adorava flores e não queria lutar.

O CASTELO DOS LIVROS



Contudo, Jella ambicionava criar uma exposição permanente.

Eleanor Roosevelt, a antiga primeira-dama dos Estados Unidos, tentou convencer os americanos a doar dinheiro para ajudar Jella a criar a Biblioteca Internacional da Juventude, a primeira do seu género no mundo.

No dia em que a biblioteca abriu, numa pequena mansão de Munique, em 1949, as crianças leram na rádio alguns dos seus livros favoritos em diferentes línguas. Em 1983, a biblioteca foi transferida para o Castelo de Blutenburg, em Munique.

O “Castelo do Livro” alberga agora a maior coleção internacional de livros infantis do mundo. Existem 30 000 livros na sua biblioteca de empréstimo, e a sua biblioteca de referência conta com mais de 600 000 títulos em mais de 130 línguas.

PARTILHAR LIVROS, CONSTRUIR PONTES

Jella organizou uma conferência em 1951 que levou à formação do International Board on Books for Young People (IBBY), ou seja, o Conselho Internacional sobre Literatura para os Jovens. A autora sueca Astrid Lindgren, que escreveu *Pippi das Meias Altas*, foi também um dos membros fundadores.

Jella morreu em 1970 com a idade de 79 anos, mas a sua ideia de que os bons livros ajudam as crianças do mundo a compreenderem-se melhor e a sentirem-se ligadas umas às outras, não mais parou de crescer.

Existem atualmente mais de 75 países com as suas próprias secções do IBBY.

Desde 2005, uma das atividades mais importantes do IBBY tem sido ajudar crianças cujas vidas foram perturbadas por guerras, conflitos civis e desastres naturais, tais como terremotos e tsunamis. Através da narração de histórias e da criação ou substituição de coleções de livros, o IBBY ajuda as crianças a acreditarem na possibilidade de um futuro melhor.



Kathy Stinson, Marie Lafrance
The lady with the books
Toronto, Kids Can Press Ltd., 2020
(Tradução e adaptação)